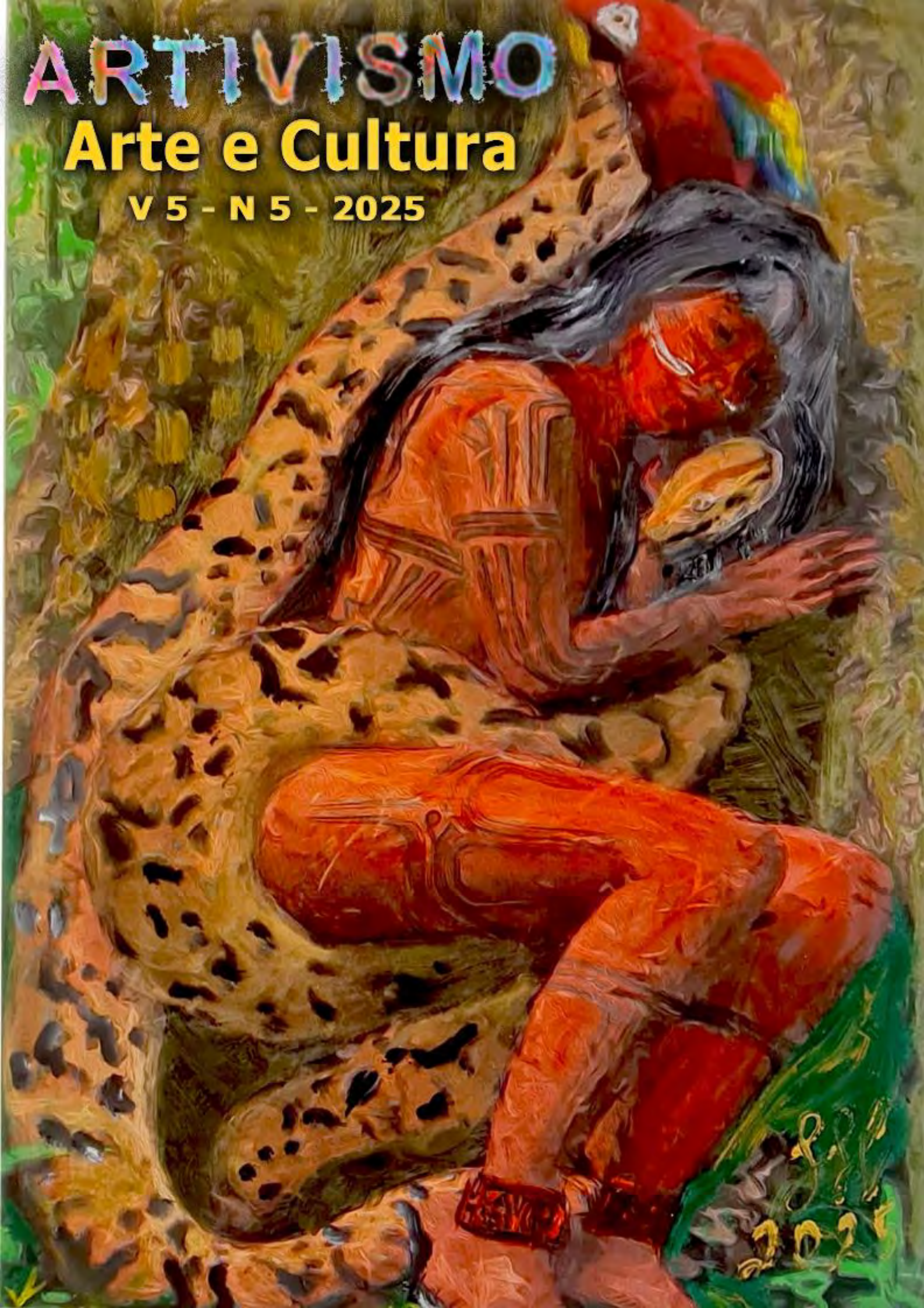
ARTIVISMO

Arte e Cultura

V 5 - N 5 - 2025



Editorial

Artivismo e a Dialética entre Academia e Expressão Artística

A **Revista Artivismo** abre espaço para textos libertos da formatação científica, sem jamais esquecer os artigos acadêmicos que explorem a rica e complexa relação entre a produção artística contemporânea e a análise formal do campo científico.

Em um cenário artístico frequentemente marcado pela espontaneidade, pela transgressão de normas e pela busca por novas linguagens expressivas, o rigor da pesquisa acadêmica emerge não como uma força limitadora, mas como um instrumento essencial para a compreensão, contextualização e análise crítica dessas manifestações.

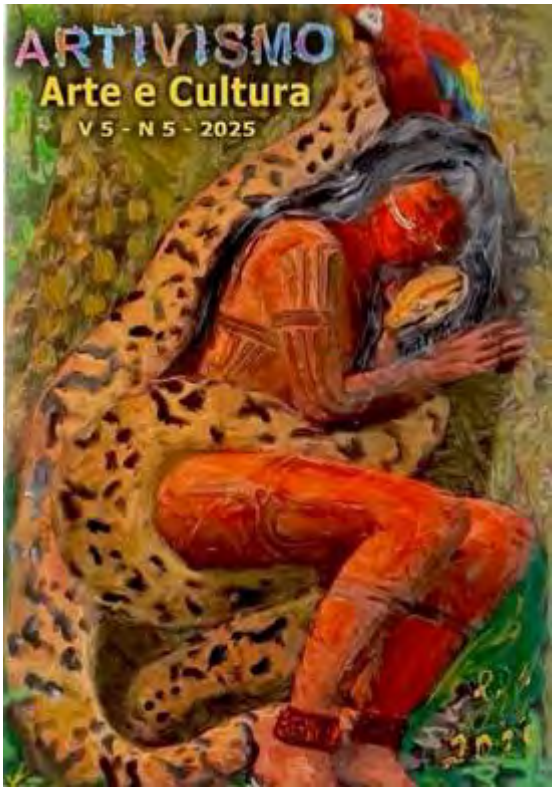
Acreditamos que o formato acadêmico, com sua metodologia estruturada, referencial teórico consistente e argumentação fundamentada, oferece um contraponto valioso à liberdade criativa dos artistas, proporcionando:

Profundidade Analítica: Desvelar significados implícitos e camadas conceituais das obras; **Contextualização Rigorosa:** Situar a arte em seus contextos históricos, culturais e teóricos; **Desenvolvimento de Vocabulário Crítico:** Construir linguagem precisa para descrever e interpretar a arte; **Arquivo e Memória:** Contribuir para o registro e a preservação do conhecimento artístico; **Fomento ao Debate:** Abrir espaço para a discussão crítica e diferentes perspectivas sobre a arte.

Nesta edição, a Revista Artivismo tem o prazer de destacar a submissão de três pesquisas que exemplificam essa dialética essencial.

Henrique Vieira Filho
MTB 0080467/SP
Jornalista Responsável

Capa:A Escolha de Lindóia (Lindoia's Choice)
Óleo sobre tela - Henrique Vieira Filho



Arte: Henrique Vieira Filho

Organização: Sociedade Das Artes
Homepage: www.artivismo.com.br
Contato: contato@artivismo.com.br / (11) 982946468

Índice

Editorial 1
Índice 2
A Iconografia Subvertida: Resistência Cultural e Patrimônio Imaterial nas Obras de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito 3
Resumo 3
1. Introdução 4
2. O Legado Naïf e Sacro de Cid Serra Negra em Serra Negra 6
3. Iconografia Subvertida em Tempos de Repressão: Análise das Obras na Igreja de São Benedito 8
4. Recepção Comunitária e Patrimônio Imaterial 10
5. Considerações Finais 11
Referências 13
PERÍCIA TÉCNICA SOBRE ARTE CONTEMPORÂNEA: Viabilização de Certificados de Autenticidade Perante a Realidade Atual Do Mercado Das Artes 19
RESUMO 19
1. INTRODUÇÃO 21
1.1 Objetivo geral: 21
1.2. Problematização: 21
1.3. Tipologia de pesquisa: 22
1.4. Justificativa: 22
2. DESENVOLVIMENTO 22
2.1. Estudo de caso 28
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS 32
REFERÊNCIAS 33
Catálogo Raisonné 35
Raisonné - Cid Serra Negra 38

A Iconografia Subvertida: Resistência Cultural e Patrimônio Imaterial nas Obras de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito

Henrique Vieira Filho[1]

Resumo

Este artigo científico analisa a singularidade da obra de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito em Serra Negra, São Paulo, Brasil, com foco na substituição de querubins por figuras do folclore brasileiro, como o Saci e o Curumim, e na representação étnico-racial diversa dos arcanjos.

A pesquisa investiga como essas representações iconográficas não convencionais dialogam com o contexto histórico-político da ditadura militar brasileira (1964-1985) e com a identidade de um artista naïf e homossexual.

Através de análise iconográfica, pesquisa histórica e estudo de recepção com a comunidade local, busca-se compreender o significado dessas obras como patrimônio cultural material e imaterial.

A partir da intersecção entre arte, memória e resistência cultural, revela-se uma produção artística que, ainda que inserida no espaço sacro, desafia silenciosamente as normas estéticas e ideológicas do regime autoritário.

Palavras-chave: Cid Serra Negra. Arte Naïf. Arte Sacra. Patrimônio Cultural. Ditadura Militar. Iconografia. Saci. Curumim. Representatividade. Serra Negra.

VIEIRA FILHO, H. (2025). **A Iconografia Subvertida: Resistência Cultural e Patrimônio Imaterial nas Obras de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito.** In Revista Artivismo (Versão 1, Vol. 5, Número 5). Revista Artivismo. https://doi.org/10.5281/zenodo.15257013

[1] Museólogo, perito judicial (autenticidade de obras de arte), artista plástico, sociólogo, psicanalista, escritor, jornalista e agente cultural - contato@henriquevieirafilho.com.br

1. Introdução

A obra do artista plástico Cid Serra Negra (1924–1993) permanece como um testemunho vibrante da potência estética, simbólica e política da arte popular brasileira. Nascido e falecido em Serra Negra, interior de São Paulo, o artista autodidata consolidou uma trajetória marcada pela linguagem naïf, caracterizada por uma expressividade livre das convenções acadêmicas, pelo uso de cores vivas e por uma forte conexão com a cultura local, o imaginário folclórico e a religiosidade popular (VIEIRA FILHO, 2025; SILVEIRA, 1969).

Entre suas obras mais significativas, destaca-se o conjunto de murais e pinturas realizados na Igreja de São Benedito, em sua cidade natal. Nesse espaço sacro, Cid Serra Negra introduz elementos altamente inusitados no repertório da arte sacra brasileira: querubins substituídos por figuras do folclore nacional, como o Saci e o Curumim, e arcanjos representados com traços fenotípicos negros e asiáticos. Essas escolhas visuais não apenas rompem com a iconografia eurocêntrica tradicional, como também evidenciam uma possível dimensão de resistência cultural, sobretudo ao se considerar o período histórico em que as obras foram realizadas — os anos de chumbo da ditadura militar brasileira (1964–1985).

Como argumenta Stuart Hall (2003), a representação é um campo de disputa ideológica, onde se constroem sentidos e se travam lutas simbólicas por reconhecimento. Assim, as imagens produzidas por Cid Serra Negra podem ser interpretadas como gestos de reapropriação cultural, que desafiam os códigos dominantes e reinserem outras vozes — negras, indígenas, homoafetivas e populares — no espaço sagrado, tradicionalmente regulado por narrativas coloniais e conservadoras.

Neste artigo, propomos analisar a iconografia transgressora presente nas obras de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito a partir de três eixos interligados: (1) a leitura iconográfica das obras em sua materialidade estética e simbólica; (2) o entrelaçamento dessas imagens com o contexto político repressivo da ditadura militar e com a identidade social e sexual do artista; e (3) a recepção comunitária e os sentidos atribuídos a essas obras pela população local ao longo do tempo.

A relevância desta investigação reside na possibilidade de ampliar o debate sobre o patrimônio cultural como espaço de memória, resistência e disputa simbólica. Ao valorizar a produção de um artista marginal aos cânones institucionais, este estudo contribui para uma leitura mais plural da história da arte sacra brasileira e para a valorização de expressões que articulam estética, política e identidade a partir das margens.

1.1. Tipologia de pesquisa

Este estudo adotou procedimentos indutivo, bibliográfico, documental, estudo de caso, de ação, etnográfica e autoetnográfica (o autor é artista plástico há mais de seis anos, além de galerista e emissor de Certificados de Autenticidade de Arte para diversos artistas e colecionadores), com abordagem qualitativa, de natureza aplicada e com objetivos exploratórios.

1.2 Justificativa

A presente pesquisa justifica-se pela urgência de ampliar o escopo da crítica e da historiografia da arte sacra brasileira, incorporando olhares que escapam às convenções eurocêntricas e normativas predominantes.

As obras de Cid Serra Negra, em especial o conjunto presente na Igreja de São Benedito, configuram um raro exemplo de inserção de elementos da cultura popular e da diversidade étnico-racial brasileira em um espaço religioso tradicional. No entanto, apesar de sua originalidade e potência simbólica, essas obras permanecem praticamente invisíveis nos grandes compêndios da história da arte nacional e carecem de análises acadêmicas aprofundadas.

Além disso, a articulação entre arte, identidade e resistência cultural no contexto autoritário da ditadura militar brasileira (1964–1985) é um campo que demanda constante revisão e aprofundamento. A iconografia produzida por Cid Serra Negra não apenas subverte paradigmas imagéticos consagrados, mas também propõe uma nova forma de narrar o sagrado, ancorada em símbolos locais e em uma estética que dialoga com as vozes historicamente silenciadas — povos indígenas, pessoas negras, artistas populares e dissidências sexuais.

Do ponto de vista patrimonial, o estudo busca contribuir para o reconhecimento da obra como patrimônio cultural não apenas material — em sua dimensão estética e formal —, mas também imaterial, na medida em que carrega significados compartilhados pela comunidade e constitui um marcador identitário da cidade de Serra Negra.

Ao considerar as percepções da população local, o artigo reforça a importância de valorizar os saberes e as memórias coletivas na constituição de políticas públicas de preservação e valorização cultural.

Por fim, o trabalho se alinha aos debates contemporâneos em torno da representatividade nas artes visuais e da necessidade de visibilizar trajetórias artísticas periféricas, contribuindo para uma historiografia mais plural, crítica e inclusiva.

A pesquisa propõe, assim, uma reflexão relevante tanto para os campos da história da arte e da antropologia quanto para os estudos sobre patrimônio, religiosidade popular e cultura visual em contextos de repressão.

---

2. O Legado Naïf e Sacro de Cid Serra Negra em Serra Negra

A produção artística de Cid Serra Negra insere-se no universo da arte naïf brasileira, também denominada arte “primitiva moderna” ou “arte ingênua”, marcada pela ausência de formação acadêmica formal, pela expressividade intuitiva e por uma forte vinculação às realidades culturais locais.

Segundo o crítico Mário Pedrosa (1975), trata-se de uma forma de criação estética dotada de liberdade radical, onde o gesto artístico está profundamente enraizado na experiência cotidiana e no imaginário popular.

É nesse sentido que o legado de Cid deve ser compreendido: não como um desvio da arte “cultivada”, mas como uma forma autêntica de produção simbólica com valor estético, social e histórico próprios.

Cid Serra Negra representa uma vertente da arte naïf particularmente comprometida com as tensões entre o sagrado e o profano, o nacional e o colonial, o popular e o institucional.

Sua obra, embora reconhecida por alguns setores da crítica, como atestam as menções de Helena Silveira (1969) e o apoio de personalidades como Hebe Camargo, permaneceu à margem dos museus e do circuito universitário de arte por muito tempo.

Tal marginalidade, contudo, não implicou anonimato local: em Serra Negra, sua figura tornou-se um símbolo cultural, e sua produção, um traço da identidade visual e afetiva da cidade.

Como observa Raymond Williams (2000), as culturas subalternas frequentemente produzem sistemas simbólicos que, embora invisibilizados pelas hegemonias dominantes, carregam em si formas complexas de resistência e memória.

O trabalho de Cid na Igreja de São Benedito, nesse sentido, adquire caráter singular: ao incorporar personagens como o Saci — tradicionalmente excluído das representações sagradas — e ao plasmar arcanjos com traços negros e asiáticos, o artista produz uma releitura iconográfica que desloca o centro da narrativa bíblica e propõe uma nova visualidade para o sagrado cristão, adaptando-o ao contexto racial e cultural brasileiro.

A Igreja de São Benedito, consagrada a um dos poucos santos negros da tradição católica e ligada historicamente às irmandades de negros escravizados e libertos, é, por si só, um espaço carregado de significados históricos e políticos.

Ao intervir artisticamente nesse templo, Cid estabelece um elo entre o sagrado institucionalizado e a espiritualidade popular afro-brasileira e indígena.

Como destaca Roger Bastide (1971), as práticas religiosas dos grupos subalternizados no Brasil criaram modos próprios de sacralização, muitas vezes sincréticos, que resistiram às imposições coloniais e eclesiásticas.

A liberdade estética com que o artista atuou nesse espaço sugere não apenas uma autorização tácita (ou tolerância) por parte da instituição religiosa, mas também uma relação de confiança entre a comunidade e o artista.

Os murais, portanto, não são apenas obras de arte isoladas, mas signos de uma rede de relações sociais, afetivas e simbólicas que se expressam por meio da pintura — e que conferem à obra um estatuto duplo: como patrimônio material e como prática comunitária de construção simbólica.

Cid Serra Negra é, sem dúvida, um dos maiores representantes da arte *naïf* no Brasil, sendo um exemplo de expressão popular autêntica, que dialoga com a tradição cultural brasileira, longe das convenções acadêmicas.

Artistas *naïfs* como Cid fazem parte de um movimento cultural que, apesar de ser muitas vezes marginalizado pelos espaços artísticos tradicionais, possui um poder significativo de comunicação com as camadas populares e com as comunidades locais.

A arte *naïf* é um reflexo direto da simplicidade da vida cotidiana, das crenças populares e das tradições locais, e Cid usou sua técnica para representar não apenas o cenário rural, mas também a religiosidade de sua região.

Vários autores discutem o papel da arte naïf no Brasil e sua relação com o patrimônio cultural imaterial. Segundo Délio Jasmim (2004), a arte naïf possui uma linguagem que ultrapassa os limites formais da arte erudita e se aproxima das sensibilidades do povo.

A arte *naïf* de Cid, com sua utilização de cores vibrantes e figuras emblemáticas do folclore brasileiro, reflete uma busca por resgatar elementos culturais muitas vezes negligenciados ou invisibilizados nas narrativas tradicionais da arte brasileira.

A obra sacra de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito é um exemplo claro de como ele transgrediu as convenções da arte sacra, tradicionalmente dominada por uma estética eurocêntrica, ao inserir elementos próprios da cultura brasileira, como o Saci e o Curumim.

Essa subversão da iconografia sacra ocorre em um contexto cultural marcado pela resistência política e social, especialmente em um período de repressão e censura, a ditadura militar.

3. Iconografia Subvertida em Tempos de Repressão: Análise das Obras na Igreja de São Benedito

A iconografia produzida por Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito constitui um exemplo contundente de ressignificação simbólica em contexto de repressão política e censura cultural.

A substituição de elementos tradicionais da iconografia sacra por figuras do folclore brasileiro e a representação de arcanjos com traços fenotípicos não eurocêntricos operam, em múltiplos níveis, uma crítica velada à hegemonia cultural imposta pelo regime autoritário vigente na época.

Conforme Michel de Certeau (1994), os sujeitos sociais desenvolvem táticas de resistência no interior das estruturas dominantes, utilizando os próprios códigos do poder para reconfigurá-los de modo subversivo.

É nesse sentido que as obras de Cid podem ser lidas como "táticas" visuais inseridas dentro de um espaço de forte normatividade simbólica — a igreja católica —, mas que, ao invés de reafirmarem os valores tradicionais, introduzem narrativas alternativas através da estética popular.

A presença do Saci, figura associada à astúcia, à irreverência e ao universo do folclore oral afro-brasileiro, no lugar dos querubins clássicos — tradicionalmente caucasianos, aéreos e angelicais — rompe com o imaginário europeu que historicamente colonizou o campo da arte sacra.

O Saci, um personagem de uma perna só, fumando cachimbo, travesso e pertencente ao panteão da cultura popular, incorpora nesse contexto uma dimensão simbólica ambígua: ao mesmo tempo protetora e desestabilizadora.

Sua presença nas paredes da igreja introduz uma teologia visual insurgente, em que o sagrado se contamina com o profano e o popular.

Essa subversão iconográfica também se manifesta na representação dos arcanjos com feições negras, mestiças e asiáticas, o que se opõe frontalmente à tradição imagética católica, fortemente marcada pela branquitude como símbolo de pureza, divindade e autoridade espiritual.

Segundo Gilroy (2001), representações negras na arte sacra são não apenas raras, mas frequentemente associadas à marginalidade ou ao mal. Cid, ao contrário, inscreve a negritude e outras etnicidades como protagonistas do plano divino, rompendo com um racismo imagético de longa duração.

Tal gesto adquire uma espessura política mais profunda quando contextualizado no período da ditadura militar (1964–1985), caracterizado por censura à produção cultural, vigilância ideológica e apagamento sistemático das identidades dissidentes.

James Scott (2000) chama de "transcrição oculta" os discursos de resistência que circulam de forma disfarçada em contextos de dominação — uma categoria que se aplica com propriedade às representações visuais de Cid, cuja ingenuidade formal não deve ser confundida com neutralidade política.

O ambiente da igreja, tradicionalmente um reduto de valores conservadores, torna-se, nas mãos de Cid Serra Negra, palco de uma insurreição simbólica. Não há registros de censura explícita às obras, o que pode indicar a eficácia da camuflagem estética promovida pelo estilo naïf — um "disfarce" eficaz para conteúdos potencialmente críticos.

A arte, aqui, funciona como um “campo de força”, nos termos de Pierre Bourdieu (1989), onde disputas de sentido e de representação são travadas sob o verniz da devoção religiosa.

A identidade do artista, marcada por sua condição de homossexual em uma sociedade repressiva e por sua origem humilde, também informa sua obra. Ainda que falte documentação direta sobre sua vida íntima, o testemunho oral e a memória local frequentemente referem-se à sua sensibilidade, discrição e ao modo como cultivava afetos e alianças dentro de um meio que, em tese, lhe seria hostil.

É possível que sua própria condição de marginalidade tenha nutrido uma visão mais plural da experiência humana, refletida nas escolhas iconográficas de inclusão étnica e cultural que permeiam sua obra sacra.

Portanto, as imagens criadas por Cid Serra Negra não são apenas registros artísticos, mas documentos políticos e culturais de resistência.

Elas inserem, no seio do templo, personagens e fisionomias historicamente excluídas, reconfigurando o espaço religioso como território de convivência simbólica, de representação múltipla e de afirmação identitária.

Em tempos de repressão, essa iconografia atua como voz silenciada — mas não silente — de um Brasil profundo, múltiplo e insubmisso.

A substituição de figuras religiosas tradicionais, como os querubins, por figuras do folclore brasileiro é um ato não apenas artístico, mas também político. Durante a ditadura militar (1964-1985), o governo procurava controlar a produção cultural e artística, censurando expressões que pudessem ser vistas como subversivas ou contra a ideologia oficial.

Nesse sentido, a obra de Cid Serra Negra, com sua iconografia subvertida, representa um posicionamento de resistência, mesmo que sutil, ao desafiar as representações tradicionais da religião cristã.

Ao utilizar o Saci, uma figura travessa do folclore brasileiro, e o Curumim, personagem que representa a criança indígena, Cid resgata figuras que fazem parte da memória coletiva nacional e que são ao mesmo tempo símbolos da resistência e da luta contra a opressão histórica do povo brasileiro.

O Saci, com sua travessura, pode ser interpretado como uma forma de resistência à opressão e à censura do regime, enquanto o Curumim resgata as raízes indígenas, uma vez que os povos indígenas, em sua maioria, foram invisibilizados e marginalizados pela história oficial do Brasil.

A escolha de representar os arcanjos com feições de pessoas negras e asiáticas desafia o padrão caucasiano tradicionalmente adotado na arte sacra, uma prática que remonta ao período colonial e que ainda se perpetua em muitas representações religiosas.

Essa escolha é um ato subversivo, pois insere a diversidade racial no cenário sagrado, um campo historicamente reservado a figuras brancas. Ao fazer isso, Cid Serra Negra não apenas questiona as convenções visuais da arte sacra, mas também propõe uma reflexão sobre as questões raciais e étnicas no Brasil, um tema de extrema relevância, especialmente durante a ditadura militar, quando havia uma repressão a qualquer manifestação que fizesse frente à homogeneização da sociedade.

4. Recepção Comunitária e Patrimônio Imaterial

A análise da recepção comunitária das obras de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito permite compreender o entrelaçamento entre o patrimônio material — representado pelas pinturas e intervenções iconográficas — e o patrimônio imaterial, constituído pelas memórias, práticas culturais, afetividades e interpretações simbólicas atribuídas pela população local.

Segundo Maurice Halbwachs (2006), a memória coletiva não é um simples repositório do passado, mas uma construção social ancorada em grupos, instituições e espaços simbólicos.

A Igreja de São Benedito, enquanto locus sagrado e comunitário, funciona como um "lugar de memória" (NORA, 1984), onde as obras de Cid operam não apenas como decoração religiosa, mas como dispositivos de evocação de valores, narrativas e afetos.

Em entrevistas realizadas com moradores mais antigos da cidade — especialmente frequentadores da igreja, membros de famílias tradicionais e pessoas ligadas à cultura local — emergiram percepções diversas sobre as obras.

Uma moradora relatou: *"Quando eu era menina, achava engraçado aquele anjo com cara de japonês. Depois, fui entendendo que era o jeito do Cid mostrar que todo mundo tem lugar ali, até quem não parece com os anjinhos dos livros."*

Esse testemunho revela uma leitura espontânea e afetiva que, embora desprovida de aparato teórico, capta a intenção inclusiva da iconografia.

Outro entrevistado, senhor octogenário, comentou: *"Naquela época, ninguém falava disso, mas a gente sabia que o Cid era diferente. E mesmo assim — ou por isso — ele pintou anjo preto, saci na parede. Era como se dissesse: aqui também é nosso lugar."*

A referência à condição do artista como alguém "diferente" é uma alusão sutil à sua homossexualidade, frequentemente mencionada com discrição nos relatos orais. O reconhecimento de que sua arte trazia mensagens sobre pertencimento, diversidade e inclusão reforça a tese de que sua obra possui um conteúdo crítico latente.

Esses relatos exemplificam como o valor simbólico da obra transcende o objeto físico e passa a integrar práticas de memória e de reconhecimento identitário — dimensões centrais do conceito de patrimônio imaterial conforme proposto pela UNESCO (2003).

O patrimônio cultural imaterial inclui práticas, representações, expressões, conhecimentos e saberes que as comunidades reconhecem como parte integrante de sua herança cultural. A obra de Cid Serra Negra, nesse sentido, constitui-se como catalisadora de narrativas comunitárias que articulam memória, fé, identidade e resistência.

Antonio Candau (2012), ao tratar da memória como prática cultural, destaca o papel dos sentidos atribuídos às representações do passado na constituição das identidades locais.

As pinturas de Cid, ao convocarem personagens do imaginário popular (como o Saci e o Curumim) e ao representarem arcanjos negros e asiáticos, tornaram-se objetos de reinterpretação simbólica ao longo do tempo, adquirindo sentidos novos conforme as mudanças sociais e culturais da cidade.

Não se trata, portanto, de uma obra estática, mas de um campo dinâmico de significações. Se, em seu momento de criação, essas imagens puderam causar estranhamento ou mesmo desconforto, hoje são frequentemente resignificadas como expressões de orgulho local, de autenticidade artística e de inclusão.

Algumas lideranças culturais, inclusive, reivindicam o reconhecimento formal do conjunto como patrimônio cultural protegido, o que evidencia o crescente valor atribuído à obra como marca identitária e legado intergeracional.

Por fim, a recepção comunitária também aponta para o impacto formativo dessas obras na vivência religiosa local. Muitos fiéis relatam que a presença de figuras populares nas imagens da igreja ajudou a estabelecer um vínculo mais próximo entre a fé e o cotidiano, entre o sagrado e o cultural.

A arte de Cid, nesse sentido, contribuiu para a construção de um cristianismo popular, menos elitizado e mais próximo das realidades sociais brasileiras.

A análise da recepção comunitária é essencial para entender o valor de Cid Serra Negra como patrimônio cultural imaterial. A arte, embora seja considerada uma expressão material, possui uma dimensão imaterial que está intimamente ligada à memória coletiva e às práticas culturais de uma comunidade.

O reconhecimento dessas obras pela população de Serra Negra, especialmente pelos moradores mais antigos, pode revelar as múltiplas camadas de significados atribuídas a essas representações. Isso inclui a ligação da obra com a identidade local, com a história da cidade e com as lutas sociais, particularmente no contexto de um regime autoritário.

Entrevistas com moradores, artistas locais e membros da Igreja de São Benedito podem fornecer insights valiosos sobre como as obras foram inicialmente recebidas e como foram reinterpretadas ao longo do tempo.

Embora a igreja tenha sido um espaço conservador e muitas vezes relutante em aceitar mudanças na arte sacra, é possível que, com o tempo, a comunidade tenha adotado essas representações de maneira mais afetuosa, reconhecendo nelas um reflexo de sua própria identidade e da resistência contra a opressão.

Ademais, a arte de Cid Serra Negra pode ser vista como um símbolo da resistência cultural do povo de Serra Negra. A transformação de um espaço sacro por meio de uma arte tão única e transgressora é um testemunho do poder da arte popular como veículo de resistência e de afirmação de identidade em tempos de repressão.

Em suma, a recepção das obras de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito revela como o patrimônio artístico pode se tornar também patrimônio vivo, apropriado, reinterpretado e celebrado pela comunidade.

A dimensão imaterial da sua obra, construída na interseção entre memória, identidade e afeto, constitui-se como elemento essencial para a valorização de sua produção no panorama da arte e da cultura brasileira.

---

5. Considerações Finais

A obra de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito representa uma contribuição singular à arte sacra brasileira, ao inscrever elementos do imaginário popular e da diversidade étnico-racial em um espaço tradicionalmente conservador.

Ao subverter os cânones iconográficos do catolicismo, o artista instaurou uma poética da diferença, em que a brasilidade, o folclore e a representatividade se entrelaçam no campo visual e simbólico da fé.

A substituição dos querubins clássicos por figuras como o Saci e o Curumim, bem como a introdução de arcanjos com feições negras e asiáticas, não se limita a um gesto estético ou lúdico: trata-se de uma operação cultural que tensiona a hegemonia visual eurocêntrica das imagens religiosas.

Ao fazer isso, Cid não apenas amplia o repertório imagético da arte sacra, mas também promove um deslocamento discursivo, em que os corpos historicamente marginalizados passam a ocupar um lugar de centralidade e sacralidade.

Essa transgressão iconográfica adquire camadas adicionais de sentido quando contextualizada no período da ditadura militar brasileira (1964–1985), momento marcado por censura, repressão às identidades dissidentes e forte controle ideológico sobre as expressões culturais.

A arte de Cid, aparentemente ingênua em sua forma naïf, revela-se então como sutil ferramenta de resistência e afirmação de subjetividades. A marginalidade do artista — autodidata, homossexual, interiorano — parece convergir com a escolha de figuras igualmente à margem do cânone artístico-religioso, compondo um gesto de solidariedade simbólica.

Do ponto de vista da comunidade local, as obras de Cid Serra Negra foram, ao longo do tempo, apropriadas afetivamente, reinterpretadas e incorporadas ao patrimônio cultural imaterial de Serra Negra.

Os testemunhos colhidos revelam um processo de ressignificação contínua, em que o estranhamento inicial cede lugar ao orgulho e ao reconhecimento identitário. Nesse sentido, a obra de Cid ultrapassa os limites da arte para se inscrever na esfera da memória coletiva, das práticas culturais e da vivência comunitária do sagrado.

A presente pesquisa, ao articular análise iconográfica, contextualização histórica e recepção comunitária, propõe uma leitura ampliada da produção de Cid Serra Negra, evidenciando sua importância não apenas como artista local, mas como agente de um discurso artístico-cultural que desafia normas estabelecidas e reivindica outras formas de representação e pertencimento.

Sugere-se, como desdobramento desta investigação, a realização de estudos que aprofundem a biografia de Cid Serra Negra, explorando com mais detalhes sua trajetória pessoal, afetiva e artística.

Também se recomenda uma análise comparativa com outros artistas populares ou sacros atuantes durante a ditadura militar, de modo a identificar possíveis redes de resistência estética e ideológica em diferentes regiões do Brasil.

Por fim, urge a necessidade de reconhecimento institucional do conjunto de obras presentes na Igreja de São Benedito como patrimônio histórico e artístico protegido, dada sua relevância simbólica e sua singularidade no contexto da arte sacra brasileira.

A análise das obras de Cid Serra Negra na Igreja de São Benedito nos permite perceber a complexidade e a riqueza da sua produção artística, que vai além da estética *naïf*.

A subversão da iconografia sacra e a escolha de personagens e símbolos que remetem à cultura popular e à diversidade racial brasileira fazem de sua arte uma poderosa ferramenta de resistência e de afirmação de identidade em um período de censura e repressão.

O fato de essas obras estarem localizadas em um espaço sacro, tradicionalmente conservador, torna ainda mais significativa a sua ousadia e transgressão.

A recepção da comunidade local e a forma como essas obras se conectam com as memórias e práticas culturais da cidade de Serra Negra demonstram a importância de Cid Serra Negra como um patrimônio cultural, não apenas material, mas também imaterial.

A arte de Cid, portanto, não é apenas um reflexo de sua visão de mundo, mas também uma contribuição valiosa para a construção da memória coletiva e para o fortalecimento da identidade local.

Esse estudo contribui para uma leitura mais inclusiva da história da arte sacra no Brasil, uma história que, ao incluir a diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira, revela um campo de luta e resistência no qual a arte desempenha um papel central.

Assim, este artigo reafirma a pertinência de se olhar com atenção para os discursos visuais produzidos às margens — não apenas por seu valor estético, mas por sua capacidade de enunciar, mesmo que de forma sutil, alternativas simbólicas ao poder e à exclusão.

Referências

- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOOKS, Bell. *Black Looks: Race and Representation*. Boston: South End Press, 1995.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História: A Problematização dos Lugares*. Revista Projeto História, n. 10, p. 7–28, 1993.
  PONTUAL, Roberto. *Explode Geração!*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- SEVERIANO, Carlos. *Iconografia Religiosa e Identidade Cultural no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2012.
- VIEIRA FILHO, Henrique. *Cid Serra Negra - 100 Anos do Artista que Levou o Saci para a Igreja*. Sociedade das Artes, 2025.
- VIEIRA FILHO, Henrique. A Arte De Falsificar Arte. Revista Artivismo, V3, N3 / 2023. São Paulo, SP.
  Disponível em: <https://artivismo.com.br/2023/01/12/a-arte-de-falsificar-arte/>. Acesso em: 19 de abril de 2024.
- VIEIRA FILHO, Henrique. Certificado de Autenticidade e Laudo Pericial. Revista Artivismo, V3, N3 / 2023. São Paulo, SP. Disponível em: <https://artivismo.com.br/2023/02/01/certificado-de-autenticidade-e-laudo-pericial>. Acesso em: 19 de abril de 2024.
- SILVEIRA, Helena. Primeira exposição de Cid Serra Negra, na Galeria Pontual. *Folha de São Paulo*, Caderno Folha Ilustrada, 12 de junho de 1969, p. 37.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. São Paulo: Zahar, 2000.

Proposta de Intervenção: Implementação de um Sistema Integrado de Gestão de Acervo e Plataforma de Difusão Digital "Memórias de Serra Negra"

Henrique Vieira Filho[2]

Resumo

A presente proposta de intervenção visa à implementação de um sistema integrado para a gestão e difusão do acervo do Museu Municipal Dr. Sebastião Pinto da Cunha e de outros materiais relevantes da Casa da Cultura de Serra Negra.

O sistema abrange a digitalização 2D e 3D de aproximadamente 420 peças, a adoção do software livre Tainacan para catalogação, indexação, gestão de multimídia e controle de acesso, e a criação de uma plataforma digital intitulada "Memórias de Serra Negra".

Essa plataforma online, integrada ao Tainacan, oferecerá um catálogo virtual, exposições virtuais, linha do tempo interativa, seção de histórias locais, informações institucionais, recursos educativos e acessibilidade.

A implementação desse sistema integrado tem como objetivo ampliar o acesso ao acervo, otimizar a gestão da informação, promover o engajamento do público, valorizar o patrimônio local, apoiar a pesquisa e a educação e fortalecer institucionalmente o museu. A natureza gratuita e o modelo de desenvolvimento colaborativo do software Tainacan representam vantagens significativas para a sustentabilidade do projeto.

Palavras-chave: Museu; Gestão de Acervo; Digitalização; Software Livre; Tainacan; Difusão Digital; Plataforma Online; Patrimônio Cultural; Serra Negra; Comunicação Museológica.

1. Introdução

O Museu Municipal Dr. Sebastião Pinto da Cunha, situado em Serra Negra (SP), encontra-se atualmente em estado de abandono. Embora mantenha oficialmente seu status de funcionamento, na prática, permanece fechado ao público, sem ações de mediação, exposições ativas ou programas educativos.

O acervo, estimado em cerca de 420 peças, não possui inventário formal ou documentação sistematizada, e não há informações consolidadas sobre o estado de conservação dos itens, muitos dos quais guardam significativa relevância histórica e cultural para a cidade.

Essa situação compromete gravemente não apenas a preservação dos bens patrimoniais sob custódia da instituição, mas também o direito da população de acessar e se apropriar de sua memória coletiva.

O problema reflete uma realidade recorrente em museus municipais de pequeno e médio porte no Brasil, marcados por orçamentos reduzidos, ausência de políticas públicas efetivas, e descontinuidade administrativa.

[2] Museólogo, perito judicial (autenticidade de obras de arte), artista plástico, sociólogo, psicanalista, escritor, jornalista e agente cultural - contato@henriquevieirafilho.com.br

A falta de instrumentos de gestão e de estratégias de difusão coloca em risco não só os objetos físicos, mas também os saberes e narrativas que constituem o patrimônio imaterial associado ao acervo.

Diante desse cenário, a presente proposta de intervenção se justifica como uma resposta técnica e estratégica à necessidade de resgate e valorização do acervo museológico local.

A iniciativa propõe a criação de um sistema integrado de gestão de acervo e uma plataforma digital interativa denominada Memórias de Serra Negra, que permitirá a digitalização em 2D e 3D das peças, sua catalogação e indexação por meio do software livre Tainacan, além da criação de um ambiente digital acessível ao público.

A relevância social da proposta reside na democratização do acesso ao acervo, no estímulo à educação patrimonial e no fortalecimento do sentimento de pertencimento da comunidade.

Sua relevância científica se manifesta na criação de uma base de dados estruturada, aberta e interoperável, que poderá subsidiar pesquisas interdisciplinares nas áreas de Museologia, Patrimônio Cultural, História Local, Ciência da Informação e Educação.

Assim, o projeto conjuga inovação tecnológica, sustentabilidade institucional e compromisso com a memória local, configurando-se como uma proposta de grande potencial para transformar um cenário de abandono em um modelo de reabilitação museológica e engajamento sociocultural.

A preservação do patrimônio cultural material e imaterial é uma das principais missões dos museus e instituições culturais. Em cidades de médio porte como Serra Negra, o desafio de garantir a conservação, a documentação e a difusão do acervo local é ainda maior, especialmente diante das limitações de recursos financeiros e humanos. Nesse contexto, a adoção de soluções tecnológicas acessíveis, sustentáveis e com forte potencial de impacto social e educativo se mostra essencial.

A proposta aqui apresentada consiste na implementação de um sistema integrado para a gestão de acervo e sua difusão digital, centrado na digitalização 2D e 3D de objetos e na adoção da plataforma Tainacan, software livre brasileiro que permite a catalogação, organização e exibição de acervos culturais.

Este sistema será incorporado à plataforma online "Memórias de Serra Negra", possibilitando ampla visibilidade ao patrimônio local.

A proposta de implementação de um sistema integrado de gestão de acervo e plataforma de difusão digital — aqui intitulada Memórias de Serra Negra — apresenta-se como uma resposta concreta a esse cenário de negligência institucional.

A digitalização das peças, aliada ao uso de software livre (Tainacan) e ao desenvolvimento de uma plataforma online interativa, visa não apenas a conservação digital do acervo, mas também sua revalorização social, histórica e pedagógica.

Assim, o projeto articula preservação, tecnologia e inclusão como eixos centrais de uma intervenção que visa transformar o atual quadro de invisibilidade e abandono em uma oportunidade de inovação e protagonismo cultural.

2. Problematização

O Museu Municipal Dr. Sebastião Pinto da Cunha, importante guardião da memória histórica e cultural de Serra Negra, encontra-se em um estado de abandono institucional.

Embora oficialmente aberto, na prática, o espaço permanece fechado ao público, impossibilitando o acesso da comunidade e de pesquisadores ao acervo. Além disso, não há

documentação formal consolidada sobre os itens que compõem o acervo museológico, nem informações atualizadas sobre o estado de conservação das peças.

Essa ausência de sistematização e acesso compromete gravemente não apenas a preservação do patrimônio, mas também o seu potencial educativo, identitário e turístico. Em tempos de transformação digital, a inexistência de uma base de dados digitalizada e pública fragiliza a função social do museu e impede sua inserção em redes mais amplas de conhecimento e valorização cultural.

3. Justificativa

A proposta parte da constatação de que o Museu Municipal Dr. Sebastião Pinto da Cunha, assim como a Casa da Cultura de Serra Negra, carecem de um sistema informatizado de gestão de acervo, o que compromete tanto a preservação das peças quanto sua divulgação e aproveitamento pedagógico.

A ausência de digitalização limita a visibilidade do acervo e restringe o acesso a pesquisadores, estudantes e ao público em geral, especialmente àqueles impossibilitados de visitar fisicamente a instituição.

A adoção do Tainacan justifica-se por ser um software desenvolvido para instituições culturais brasileiras, com suporte institucional, ampla documentação e comunidade ativa. Sua compatibilidade com o WordPress permite que a própria equipe da instituição consiga gerenciar os conteúdos com relativa facilidade, o que fortalece a autonomia institucional e a sustentabilidade da iniciativa.

Além disso, o projeto responde diretamente às diretrizes do Plano Nacional de Cultura e às políticas públicas voltadas à preservação e democratização do acesso ao patrimônio cultural.

A justificativa da presente proposta repousa, portanto, sobre a necessidade urgente de resgatar, organizar e tornar acessível o acervo da instituição por meio de ferramentas tecnológicas livres, sustentáveis e de fácil operação

Do ponto de vista social, a proposta responde à demanda por políticas públicas que assegurem o direito à memória e à cultura.

No campo científico, cria condições para o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares e para a valorização do patrimônio local em contextos educativos formais e não formais.

4. Objetivos

Geral: Implementar um sistema integrado de gestão de acervo e difusão digital para o Museu Municipal Dr. Sebastião Pinto da Cunha e a Casa da Cultura de Serra Negra.

Específicos:

- Digitalizar em 2D e 3D cerca de 420 peças do acervo;
- Adotar e configurar o software Tainacan para a gestão do acervo digital;
- Desenvolver a plataforma online "Memórias de Serra Negra" integrada ao Tainacan;
- Organizar e categorizar o acervo com base em critérios museológicos e de usabilidade digital;
- Ampliar o acesso ao acervo por meio da internet, com foco em públicos escolares, turistas e pesquisadores;
- Promover ações de capacitação da equipe local para manutenção e atualização do sistema.

5. Metodologia

A metodologia adotada será dividida em etapas:

5.1 Levantamento e diagnóstico: Mapeamento do acervo, identificação de itens prioritários para digitalização, avaliação das condições de preservação e documentação existente.

5.2 Digitalização do acervo: Utilização de equipamentos específicos para a digitalização em alta resolução (2D e 3D), com foco em garantir qualidade, fidelidade e preservação dos materiais originais.

5.3 Implantação do Tainacan: Instalação, configuração e personalização do Tainacan no ambiente WordPress da instituição, definição dos metadados, taxonomias, filtros de busca e integração com a identidade visual da instituição.

5.4 Desenvolvimento da Plataforma "Memórias de Serra Negra": Criação da estrutura do site com seções para catálogo, exposições virtuais, linha do tempo, histórias locais e recursos educativos, garantindo responsividade e acessibilidade.

5.5 Capacitação da equipe: Oficinas e treinamentos para a equipe técnica e administrativa, assegurando a continuidade do projeto e a autonomia local.

5.6 Monitoramento e avaliação: Criação de indicadores de acesso, engajamento e uso da plataforma para avaliação contínua dos impactos do projeto.

6. Resultados Esperados

Espera-se, com a implementação do sistema integrado, a modernização da gestão do acervo museológico e a ampliação do acesso público ao patrimônio cultural de Serra Negra. Os principais resultados incluem:

- A digitalização de aproximadamente 420 itens do acervo, com arquivos de alta qualidade (2D e 3D);
- Implantação efetiva do software Tainacan, com base de dados estruturada, metadados consistentes e sistema de busca funcional;
- Plataforma digital "Memórias de Serra Negra" acessível e atualizada, com seções interativas e conteúdo educativo;
- Aumento significativo no número de acessos ao acervo por meio da internet, promovendo a democratização do conhecimento;
- Formação de uma equipe técnica local capacitada para gerir e atualizar continuamente o sistema;
- Fortalecimento institucional do Museu e da Casa da Cultura como polos de preservação e difusão cultural;
- Criação de material educativo e de exposições virtuais alinhadas ao currículo escolar local e à valorização da história e identidade da cidade.

7. Discussão

A presente proposta dialoga com tendências contemporâneas da museologia digital, que buscam conciliar a preservação patrimonial com o uso de tecnologias acessíveis e inclusivas. Ao adotar o Tainacan como solução tecnológica, o projeto incorpora princípios de software livre, interoperabilidade e protagonismo institucional. A digitalização do acervo, aliada à criação de uma plataforma responsiva e educativa, amplia não apenas a visibilidade do patrimônio, mas também sua função social, aproximando o museu das comunidades locais, escolas e pesquisadores.

Além disso, destaca-se a importância do projeto como modelo replicável em outros municípios com perfil semelhante. Em contextos de restrição orçamentária, a adoção de soluções tecnológicas abertas e colaborativas oferece uma alternativa viável à precarização das políticas públicas de cultura. A proposta também fomenta o engajamento comunitário ao resgatar histórias locais e abrir espaço para a participação cidadã na construção de memória.

---

8. Considerações Finais

A implementação do sistema "Memórias de Serra Negra" representa um passo significativo para a valorização, preservação e difusão do patrimônio cultural da cidade. Trata-se de uma proposta viável, sustentável e alinhada a políticas públicas nacionais, que promove a democratização do acesso à cultura e estimula a produção de conhecimento local.

Ao incorporar a lógica do digital, o museu se reinventa como espaço de diálogo entre passado, presente e futuro, aproximando-se de seu público e ampliando seu papel na construção da identidade coletiva.

Espera-se que esta proposta contribua, a longo prazo, para o fortalecimento da cidadania cultural em Serra Negra e inspire outras ações semelhantes em municípios com perfis e desafios similares.

---

9. Referências

BRASIL. Plano Nacional de Cultura. Ministério da Cultura. Disponível em: http://pnc.cultura.gov.br/. Acesso em: 18 abr. 2025.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas e instrumentos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

FERREIRA, Luiz Guilherme Vergara. *Museu, território e práticas colaborativas*. Revista Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2012.

ICOM. *Código de ética do ICOM para museus*. Paris: ICOM, 2006.

SILVA, Armando. *Cidades imaginadas: arte e cultura na globalização*. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

TAINACAN. Projeto Tainacan: software livre para museus e acervos culturais. Disponível em: https://tainacan.org/. Acesso em: 18 abr. 2025.

VIEIRA FILHO, Henrique. Cid Serra Negra - 100 Anos do Artista que Levou o Saci para a Igreja. Sociedade das Artes, 2025.

VIEIRA FILHO, Henrique. A Arte De Falsificar Arte. Revista Artivismo, V3, N3 / 2023. São Paulo, SP. Disponível em: <https://artivismo.com.br/2023/01/12/a-arte-de-falsificar-arte/>. Acesso em: 19 de abril de 2024.

VIEIRA FILHO, Henrique. Certificado de Autenticidade e Laudo Pericial. Revista Artivismo, V3, N3 / 2023. São Paulo, SP. Disponível em: <https://artivismo.com.br/2023/02/01/certificado-de-autenticidade-e-laudo-pericial>. Acesso em: 19 de abril de 2024.

PERÍCIA TÉCNICA SOBRE ARTE CONTEMPORÂNEA: Viabilização de Certificados de Autenticidade Perante a Realidade Atual Do Mercado Das Artes

Henrique Vieira Filho[3]

RESUMO

A imensa maioria da produção artística contemporânea situa-se em valor de mercado em patamares não superiores a US$ 2.000,00, tornando economicamente inviável a contratação de serviços periciais em seu padrão usual.

Aproveitando-se deste cenário e da facilidade de aquisição de tintas e substratos contemporâneos, os falsificadores passaram a atuar massivamente sobre este grupo mercadológico, praticamente garantindo a impunidade ao manter seus trabalhos fora do limite das investigações policiais e de seguradoras, comumente focados em artes de valores financeiros muito superiores.

A Análise Pericial está além da exatidão positivista; cabe repensar o crescente uso de equipamentos laboratoriais de custo elevado, o que inviabiliza a contratação destes serviços para a maior parte dos artistas plásticos e dos compradores destas artes.

Esta pesquisa propõe resgatar parte da simplicidade da origem das técnicas periciais, como praticadas pelos antigos “connoisseurs”, aliada à grafotecnia e pinacologia, viabilizando a emissão, com valores acessíveis, de Certificados de Autenticidade de Arte, em versões impressas aliadas a registros "blockchain".

Palavras-chave

Pericia, grafoscopia, pinacologia, arte, autenticidade

Citation

[3] Museólogo, perito judicial (autenticidade de obras de arte), artista plástico, sociólogo, psicanalista, escritor, jornalista e agente cultural - contato@henriquevieirafilho.com.br

VIEIRA FILHO, H. (2025). **PERÍCIA TÉCNICA SOBRE ARTE CONTEMPORÂNEA: Viabilização de Certificados de Autenticidade Perante a Realidade Atual Do Mercado Das Artes.** In Revista Artivismo (Versão 1, Vol. 5, Número 5). Revista Artivismo. https://doi.org/10.5281/zenodo.15256838

EXPERT ANALYSIS ON CONTEMPORARY ART:
Making Certificates of Authenticity Viable in the Current Reality of the Arts Market

Abstract

The vast majority of contemporary artistic production has a market value of no more than US$ 2,000.00, making it economically unfeasible to hire expert services at their usual standard.

Taking advantage of this scenario and the ease of acquisition of contemporary inks and substrates, counterfeiters began to act massively on this market group, practically guaranteeing impunity by keeping their work off the radar of police investigations and insurance companies, commonly focused on arts and crafts. much higher financial values.

Forensic Analysis is beyond positivist exactitude; the growing use of high-cost laboratory equipment makes contracting these services unfeasible for most visual artists and buyers of these arts.

This research proposes to rescue part of the simplicity of the origin of the expert techniques, as practiced by the former "connoisseurs", allied to and to pinacology, enabling the issuance, with accessible values, of Certificates of Authenticity of Art, in printed versions combined with "blockchain" records.

Keywords

Expertise, graphology, pinacology, art, authenticity

1. INTRODUÇÃO

1.1 Objetivo geral:

Viabilizar padrões periciais aceitáveis e de custo equilibrado para certificar artes plásticas contemporâneas de valor financeiro intermediário.

1.1.1. Primeiro Objetivo Específico:

Demonstrar que a perícia técnica para validar a autenticidade de obras de arte pode se concentrar na análise grafotécnica da assinatura e pinacológica dos traçados do artista e dispensar recursos tecnológicos mais onerosos.

1.1.2. Segundo Objetivo Específico:

Apresentar as demandas atuais dos artistas plásticos contemporâneos e de seus eventuais clientes em certificar a autenticidade de suas obras de arte, salvaguardando contra eventuais falsificações, valorizando os direitos autorais e patrimoniais, além de viabilizar economicamente o acesso de serviços periciais a este grupo econômico.

1.2. Problematização:

A evolução tecnológica da perícia técnica majorou a tabela de honorários, tornando-se financeiramente impeditiva para a grande maioria dos integrantes do mercado das artes no Brasil, que trabalha com obras na escala próxima a US$ 2.000,00.

A ausência de Certificados de Autenticidade, o alto custo pericial, bem como a facilidade de acesso aos materiais e tintas contemporâneas culminou em crescente falsificação de obras de artes, com grande probabilidade de impunidade ao focar em bens de valores relativamente menores.

Como viabilizar e atender à demanda de milhares de artistas, galerias e consumidores de arte, de forma a viabilizar a expedição de Certificados de Autenticidade e prevenir a crescente onda de falsificações que se instala no mercado das artes contemporâneas?

1.3. Tipologia de pesquisa:

Este estudo adotou procedimentos **indutivo**, **bibliográfico**, **documental**, **estudo de caso**, **de ação**, **etnográfica** e **autoetnográfica** (o autor é artista plástico há mais de seis anos, além de galerista e emissor de Certificados de Autenticidade de Arte para diversos artistas e colecionadores), com **abordagem qualitativa,** de **natureza aplicada** e com **objetivos exploratórios**.

1.4. Justificativa:

A relevância deste estudo se dá pela escassez de pesquisas de natureza aplicada e de ações práticas capazes de atender à enorme demanda por perícias e certificações voltadas ao mercado das artes contemporâneas.

Este trabalho é um dos raros, senão o único, a apresentar soluções economicamente viáveis de expedição de certificados de autenticidade para artistas, galeristas e consumidores de arte, valorizando suas obras, resguardando direitos autorais e de propriedade, além de coibir eventuais falsificações.

2. DESENVOLVIMENTO

A legislação brasileira garante os direitos autorais independente das obras de arte estarem ou não registradas (Lei nº 9.610/98).

Contudo, na prática de mercado, a arte ter ou não seu respectivo Certificado de Autenticidade, seja expedido pelo própria artista (se em vida), ou por um perito que realize a autenticação mediante análise da assinatura e estilo, faz toda a diferença tanto na sua precificação, quanto, até mesmo, ser aceito ou não para comercialização por leiloeiros e galeristas.

> No Brasil e na maior parte dos países não existe lei obrigando o artista a certificar suas obras, entretanto, é quase impraticável atuar profissionalmente sem esta documentação.
>
> Dentre os inúmeros benefícios dos **Certificados de Autenticidade**, podemos destacar:
>
> - Maior credibilidade artística
> - Incremento de valor monetário de venda e revenda
> - Proteção dos direitos autorais e patrimoniais

> - Ampliação de mercado, pois é pré-requisito para inúmeras galerias, casas de leilões, *marketplaces* e colecionadores.
>
> Uma arte que esteja sem procedência documentada, que gere dúvidas quanto à sua autoria, é precificada como se fosse um “pôster”, um simples “quadro decorativo” (Revista Artivismo, V3, N3 / 2023, págs. 15 e 16).

Artistas em vida tem totais condições de providenciar Certificados de Autenticidade para suas próprias obras, sem precisar contratar peritos.

Contudo, para a necessidade de autenticar trabalhos de artistas falecidos, o laudo pericial é essencial.

Alguns destes, de renome mundial, contam com fundações e herdeiros que ofertam serviços de reconhecimento e catalogação de obras existentes no mercado.

A maioria dos artistas já em óbito não contam com representação oficial para validação e catalogação de suas obras em circulação, tornando este um dos nichos de atuação para os peritos em assinatura, sendo um diferencial importante que também exerça a pinacologia, para incluir o reconhecimento estilístico em seus laudos.

A pesquisa bibliográfica constatou que a maior parte dos autores refere-se apenas a perícias e falsificações de obras de arte de grande valor monetário, via de regra, de artista já falecido.

Del Picchio (2016) abordou o problema do crescente índice de falsificações sobre arte contemporânea brasileira e até mesmo propôs uma solução, por ele mesmo reconhecida como de difícil aplicabilidade.

> Assim sendo, o problema de falsificação de uma obra de arte, principalmente, pintura, é mais ou menos atual, oferecendo perspectiva de progressão e agravamento.
> [...]
> Nenhum quadro de artista brasileiro seria posto à venda sem antes ser apresentado e catalogado numa pinacoteca oficial. Esta, depois de executar os microfilmes indispensáveis, aporia, no verso da obra, o certificado, em impressão fac-similar, declarando o número e a data do registro. (DEL PICCHIA FILHO, JOSÉ. 2016. págs. 881 a 889)

O mesmo autor destaca que os falsificadores evitam obras de artistas vivos e, mesmo assim, abrem exceções quando estes passam a ser mais valorizados.

> Enquanto vivos, a falsificação dos quadros não se verifica, a não ser, excepcionalmente. Talvez, por receio de um desmentido direto do pintor.
>
> No entanto, após a “descoberta”, quando os seus quadros passam a figurar nos catálogos internacionais, em cotações ascensionais compensadoras, aí, então, a fraude sobrevém. (DEL PICCHIA FILHO, JOSÉ. 2016. pág. 881)

A pesquisa documental realizada mediante artigos, depoimentos e entrevistas para veículos de comunicação e redes sociais abrangendo artistas plásticos contemporâneos traz dados mais atualizados que inclui falsários que focam em artes de menor valor monetário por minimizar os riscos de serem descobertos, visto que o custo de uma perícia técnica ultrapassa o preço da própria obra a ser analisada.

A tabela a seguir apresenta os valores periciais voltados para o mercado das artes, incluindo tanto os serviços que dependem essencialmente das habilidades técnicas pessoais do perito, quanto da dependência e uso de sofisticados recursos laboratoriais.

Tabela de honorários sugerida - 2023

Análises técnicas		
Fotografia técnica (VIS/IR/UV)	Hora	R$ 300,00
Fotografia multiespectral	Hora	R$ 300,00
Radiografia	Hora	R$ 300,00
Colorimetria	Ponto	R$ 25,00
Espectrofotometria (FORS)	Ponto	R$ 50,00
Espectroscopia por Fluorescência de raios x (XRF)	Hora	R$ 450,00
Espectroscopia por Fluorescência de raios x portátil (XRFp)	Ponto	R$ 50,00
Espectroscopia Raman	Hora	R$ 450,00
Espectroscopia Raman portátil (532nm)	Ponto	R$ 90,00
Espectroscopia de infravermelho com transformada de Fourier (FTIR)	Hora	R$ 450,00
Cromatografia acoplada a espectrometria de massa	Hora	R$ 450,00
Microscopia ótica	Hora	R$ 450,00
Microscopia digital	Hora	R$ 300,00
Serviços		
Perícia técnica de autenticidade	Laudo	R$ 12.000,00 a R$ 18.000,00
Avaliação econômica	Relatório	R$ 900,00
Organização e catalogação de acervos	Hora	R$ 120,00
Estudos de Proveniência	Hora	R$ 300,00
Perícia estilística para estudos de autenticidade	Laudo	R$ 5.000,00 a R$ 7.000,00
Perícia grafotécnica	Assinatura	R$ 4.000,00 a R$ 5.000,00

(I3a - 2023).

Considerando os dados acima e o fato de que a imensa maioria da produção artística contemporânea situa-se em valor de mercado em patamares não superiores a US$ 2.000,00 (cerca de R$ 10.500,00, pelo câmbio de fevereiro de 2023), implica que é economicamente inviável, para a maioria dos casos, a contratação de serviços periciais em seu padrão usual.

Os veículos de comunicação têm noticiado, cada vez mais, casos de fraudes no mundo das artes, comumente, envolvendo cifras de vários milhões de reais.

Como exemplo icônico, a Revista Piauí, em sua matéria “Cuidado, Tinta Fresca”, relata que, na Sibéria, se encontram mais de mil telas atribuídas a artistas brasileiros, todas falsificadas.

Até mesmo o setor de entretenimento investiu na pauta, sendo que o documentário “A True Story About Fake Art”, exibido pela Netflix, trouxe ao grande público a informação do quanto os galeristas, leiloeiros e colecionadores e, até mesmo os peritos, podem ser enganados, anos a fio, por falsificadores de obras de arte.

> Desde sérias reportagens investigativas, até o divertido documentário “**Fake Art – Uma História Real**” (Netflix), sempre que o tema é falsificação de arte, as cifras citadas são de milhões de dólares pagos em obras que se revelaram fraudes sobre os trabalhos de Pollock, Rothko, Picasso, Vermeer, Rembrandt, Da Vinci, Di Cavalcanti, Portinari, Tarsila do Amaral, Guignard, Antônio Poteiro, Siron Franco, dentre muitos outros artistas cobiçados (Revista Artivismo, V3, N3 / 2023, p. 31).

Em busca de reduzir os riscos de cometer falhas humanas e ter a reputação profissional questionada, cada vez mais as perícias buscam ferramentas objetivas, ou seja, equipamentos laboratoriais capazes de gerar dados técnicos mensuráveis.

O uso de tais recursos pode gerar uma fonte de renda extra aos peritos, pois cada etapa instrumental é precificada à parte.

Contudo, é necessário um investimento prévio na aquisição patrimonial destes equipamentos, bem como arcar com despesas de manutenção técnica e até o necessário incremento de espaço físico para acomodar o maquinário.

A laboratização das práticas periciais é um fenômeno recente, inexistindo dados estatísticos quanto ao real custo / benefício econômico do ponto de vista de quem oferta os serviços.

Para os consumidores finais, que, no caso desta pesquisa, são os proprietários de obras de arte em busca de resguardar-se de serem vítimas de fraudes e de garantir o valor de mercado que só a autenticidade comprovada consegue atingir, a majoração dos preços das análises e serviços periciais inviabiliza a contratação para a grande maioria dos casos.

As obras artísticas cujo valor financeiro não compense a contratação de perícia técnica compõem a maior fatia do mercado das artes, formando um nicho praticamente com garantia de impunidade para falsificação.

Algumas motivações dos falsificadores:

Aproveitamento da fama e valor de um artista;
Ausência de controles técnicos para ingressar a obra ao mercado;
Disponibilidade de materiais e suportes que aparentam maior antiguidade;
Facilidade para a falsificação de documentos e provenance (proveniência);
Circuito de ingresso da obra falsa ao mercado por médio de vendas públicas (catalogação das obras);
Alto custo de perícia facilita a venda de obras menores falsificadas (grifo nosso);
Incremento do valor mediante a incorporação de uma assinatura falsa a uma obra autêntica (Revista Restauro, 2023).

Esta pesquisa também valeu-se da análise de comunicações informais em grupos de redes sociais cujos integrantes são profissionais e colecionadores de artes contemporâneas, sendo a falsificação de obras um tema recorrente, bem como a desinformação sobre laudos periciais de autenticidade de arte, opção sempre descartada nas conversações, sobre a premissa de inviabilidade financeira e, até mesmo, da ausência de peritos capacitados para analisar e autenticar as assinaturas dos artistas e, menos ainda, seus estilos.

A desconfiança da capacitação técnica pericial sobre obras de arte pode ser justificada pela ausência desta especialização dentro dos cursos oficiais de formação de peritos e museólogos e, até mesmo, a escassez de literatura técnica especializada.

A Pinacologia, ciência que trata do estudo e exame técnico e metódico da parte pictórica de obras de arte, nem sequer consta na grade curricular de Museologia, nem de Perícia, existindo apenas cursos livres e informais que abordam a disciplina.

Esta terminologia latina não obteve maior receptividade em língua portuguesa, nem inglesa, sendo que o mercado optou por apropriar-se, como sinônimo, o vocábulo “estilística”, o qual, por origem, deveria referir-se somente à escrita.

Assim, a perícia pinacológica também é referida como perícia estilística, no sentido de que irá analisar o estilo do artista. Da mesma forma que a análise grafotécnica avalia as peculiaridades de cada assinatura, a pinacológica / estilística focará nos traçados, tipos de pinceladas, temática e materiais utilizados.

Além do elevado valor financeiro para a elaboração dos laudos, que minimiza quantitativamente a clientela potencial, outro fator que dificulta e até inviabiliza a oferta de serviços periciais sobre artes é a escassez de padrões gráficos de reconhecida autoria dos artistas.

Somente Louzada (2002) incluiu em suas publicações uma coletânea de assinaturas e imagens em alta definição de artistas brasileiros para servir de ponto de partida para eventuais análises periciais de autenticidade. Transcorridos mais de vinte anos desde a última edição, ainda que continue um importante ponto referencial, fato é que a maioria dos contemporâneos não estão inclusos.

Este é um dos fatores que justificam a “perícia estilística para estudos de autenticidade” como um dos mais elevados honorários na tabela referencial (I3a - 2023), já que o perito terá que localizar e estudar obras previamente autenticadas de cada artista, seja junto a museus, galerias e colecionadores, para criar sua própria coletânea de padrões gráficos que servirão de base para a autenticação de assinaturas e estilos autorais.

Cumprida esta etapa inicial, o perito se torna um especialista no trabalho do artista estudado, possibilitando que os futuros laudos de autenticidade sobre o mesmo demandem menor tempo e esforços, podendo atuar em formato similar ao dos antigos “connoisseurs” e, com isso, trabalhar mediante honorários mais acessíveis ao ponto de vista dos proprietários das obras.

2.1. Estudo de caso

Esta pesquisa selecionou para estudo de caso a compra de uma pintura do artista **Cid Serra Negra** por cerca de um terço de seu valor de mercado (o vendedor não tinha como comprovar a autoria) e o posterior resgate do preço máximo de venda pelo investimento em um **Certificado de Autenticidade mediante Laudo Pericial**.

Sendo o autor artista plástico há mais de década, além de galerista e emissor de **Certificados de Autenticidade de Arte** para diversos artistas e colecionadores, este estudo de caso é igualmente uma pesquisa etnográfica, autoetnográfica e de ação.

O estilo “naif”, primitivista de Cid Serra Negra é bastante valorizado por colecionadores, tendo o artista conquistado seu espaço no mercado com exposições nas mais conceituadas galerias de arte e fama popular graças a entrevistas nos programas televisivos de maior audiência de sua época.

Por sua vez, os críticos de arte apreciam sua rebeldia em retratar, na igreja de sua cidade, saci-pererê e curumim como querubins, além de arcanjos com etnia africana.

Já falecido e sem herdeiros que cuidem do acervo, sem catalogação de suas obras e, sendo sua arte realizada com materiais contemporâneos, de baixo custo e facilmente acessíveis, estas características o classificam como um alvo ideal para falsários que optem por atuar em nichos de menor risco de serem desmascarados.

Para a aquisição da obra, uma pesquisa prévia sobre os valores de venda das obras leiloadas de Cid Serra Negra constatou uma faixa entre R$ 3.300,00 a R$ 6.000,00.

Essa mesma busca localizou dezenas de artes sendo comercializadas como sendo de Cid Serra Negra, que foram descartadas como opções de compra devido aos fortes indícios de erro de catalogação de autoria e até mesmo de fraude, pois as imagens destas pinturas já apresentavam fortes divergências na assinatura e estilo do artista.

A arte adquirida para este estudo de caso, um clássico São Francisco de Assis de Cid Serra Negra (óleo sobre madeira) já fora leiloada em mais de uma ocasião, tendo sido arrematada pelo máximo de R$ 5.000,00 e mínimo de R$ 3.300,00.

Mediante a ausência de recibos de compra e venda e de comprovação de autenticidade, o mais recente proprietário, que recém herdou esta arte, a colocou para venda direta por R$ 1.600,00.

Via de regra, um valor de venda tão inferior à média praticada anteriormente é um indício de obra falsificada e deveria ser desconsiderada como opção para aquisição. Tanto o é que, estando faz meses disponibilizada para venda, não houve outros interessados na compra.

Contudo, esta pesquisa propõe justamente resgatar parte da simplicidade da origem das técnicas periciais, como praticadas pelos antigos “connoisseurs” e, dentro desta premissa, as imagens disponibilizadas não apresentaram nenhum indício contrário à autenticidade da assinatura e estilo de Cid Serra Negra, viabilizando a pintura como opção razoavelmente segura para aquisição.

Realizada a compra e, tendo em mãos a pintura referida e como instrumento uma simples lupa e diversas amostras da rubrica do artista, foi constatada a autenticidade da assinatura.

Os pigmentos (tinta óleo para parede) sobre madeira (chapa “Eucatex”) e o estilo dos traços e ângulos das pinceladas conferem fielmente com as características dos demais trabalhos de Cid Serra Negra,

Considerando a simplicidade da análise, o pouco tempo despendido no procedimento e de ser obra de um artista sobre o qual o perito já é totalmente familiarizado, é justo definir os honorários em patamares aquém do máximo da tabela sugerida, ainda mais perante a realidade da faixa de preços de comercialização viáveis para esta obra.

Desta forma, definiu-se em R$ 350,00 pelo serviço pericial, estando incluída a expedição de **Certificado de Autenticidade De Arte**, em duas versões: a física, impressa com requisitos gráficos de segurança e selo adesivo, ambos com numeração idêntica e exclusiva (no padrão EAN) e a via digital, com assinaturas digitais (padrão ITT / e-GOV e Adobe) e registro em cartório virtual (“blockchain” e DOI).

> A tecnologia “blockchain” (“blocos interconectados”, visto que os dados estão descentralizados, existindo simultaneamente em centenas de servidores independentes) iniciou como sistema de criação e segurança para as criptomoedas (Bitcoin, Etherium, etc) e logo expandiu para funções comerciais de registro e cumprimento de *Smart Contracts* (contratos inteligentes), inclusive, o registro, compra e venda de NFTs ("Non-Fungible Token"), que inclui desde obras de arte totalmente virtuais, até bens imóveis (Revista Artivismo, V3, N3 / 2023, p. 31).

O procedimento seguinte foi a realização de um teste de novo valor de mercado, tendo sido a obra em questão disponibilizada na mesma plataforma de venda em que foi adquirida, desta vez, com o valor mínimo de R$ 3.300,00, ou seja, resgatando o mesmo patamar com o qual foi arrematada em leilões anteriores.

De pronto, foram recebidas ofertas, comprovando que o investimento de R$ 350,00 na obtenção de Certificado de Autenticidade de Arte mediante Laudo Pericial valorizou em mais R$ 1.700,00 sobre o preço em que a peça foi adquirida.

Versão física do **Certificado de Autenticidade** mediante **Laudo Pericial** (igual teor em versão digital com registros “blockchain” e DOI). **Um investimento de R$ 350,00 que somou mais R$ 1.700,00 ao valor final de revenda à obra.**	**Certificado de Autenticidade** e **Selo** (fixado à obra) com numeração exclusiva e QRCode que direciona ao **registro internacional DOI**, também redundante em cartório virtual (“blockchain”).

(Revista Artivismo, V3, N3 / 2023, p.10)

Pertinente destacar que o novo valor foi atingido em um “marketplace” digital popular, ou seja, um veículo pouco usual para comercialização de obras artísticas.

Adequar os honorários do serviço pericial levando-se em consideração o valor de comercialização da obra e o real dispêndio de tempo dedicado viabilizou a contratação do laudo para uma arte de valor de mercado mediano, gerando para esta uma valorização inicial de cinco vezes o valor investido na Certificação.

O **Certificado de Autenticidade de Arte**, agora acrescido à pintura possibilita que seja aceita para comercialização em galerias e casas de leilões, estas sim, mais capazes de conquistar valor máximo de mercado, considerando ser a sua clientela habitual muito mais qualificada como potenciais compradores de obras de artes.

É razoável deduzir que, no ambiente acima descrito, a obra aqui estudada retome o preço de venda já atingido em leilões anteriores, que foi de R$ 5.000,00.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A excessiva preocupação em enquadrar a perícia nos mesmos padrões tecnológicos das ciências exatas, com o crescente acréscimo de custosos recursos laboratoriais, vem majorando excessivamente os honorários, inviabilizando a sua contratação na maioria dos casos relacionados ao mercado das artes.

A solução viável é revalorizar os recursos humanos do perito em si, que possui capacidade técnica para autenticar a maioria das obras artísticas por meio de análise da assinatura e estilística, dispensando o uso de equipamentos mais onerosos.

O resgate da simplicidade da origem das técnicas periciais, como praticadas pelos antigos “connoisseurs”, aliada à grafotecnia e pinacologia, viabilizam a emissão, com valores acessíveis, de Certificados de Autenticidade de Arte (em versões impressas aliadas a registros "blockchain").

Ao minimizar os custos operacionais, o valor final ao consumidor final diminui proporcionalmente, tornando o laudo pericial economicamente mais atrativo, aumentando exponencialmente o mercado potencial.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Marlon José Alves dos. **Falsificação e autenticidade: a arte como convenção**. UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, São Paulo, 2016 Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/143502>. Acesso em: 09 de dezembro de 2022.

_____. **O Estado Da Falsificação de Obras De Arte**. Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais, Vol. 04, N° 01, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/download/1648/1047/4521>. Acesso em: 09 de dezembro de 2022.

ARNAU, Frank. **El Arte de Falsificar El Arte - Tres mil años de fraudes en el comercio de antigüedades.** Tradução de Juan Godo Costa. Editora Noguer, Barcelona, Espanha, 1961.

ASPECTOS da Perícia Grafotécnica Aplicada a Análise de Obras de Arte para Relatório Técnico. i3A, São Paulo, SP. Disponível em: <http://i3a.org.br/per%C3%ADcia-grafot%C3%A9cnica-aplicada-a-an%C3%A1lise-de-obras.php>. Acesso em: 09 de dezembro de 2022.

BEL, Suzanne.**How to Identify a Forgery**. Simon and Schuster, New York, EUA, 2013.

CAMARA E SILVA, E. S.; FEUERHAMEL, S. **Documentoscopia – Aspectos científicos, técnicos e jurídicos**. Millenium Editora, 2014

CAMPOS, P.H.O.V. **Characterization of paintings of the artist Anita Malfatti by non-destructive techniques**. Doctoral thesis, University of São Paulo, 2015.

CAMPOS, P.H.O.V.; Magalhães, A.G.; Barbosa, M. **External-PIXE analysis for the study of pigments from a painting from the Museum of Contemporary Art.Nuclear Instruments & Methods in Physics Research**. Section B, Beam Interactions with Materials and Atoms, v. 332, p. 411-414, 2014.

CAVALHEIRO, Pedro. **Falso ou Verdadeiro? Um Da Vinci em Cheque!.** Iaspis - Arte & Perícia, São Paulo, SP. Disponível em: <https://periciadearte.com/arte-expertise/falso-ou-verdadeiro-um-da-vinci-em-cheque/>.Acesso em: 09 de dezembro de 2022

_____. **Avaliação de uma Obra de Arte**. Iaspis - Arte & Perícia, São Paulo, SP. Disponível em: <https://periciadearte.com/arte-expertise/avaliacao-de-uma-obra-de-arte>.Acesso em: 09 de dezembro de 2022

CERTIFICADO de Autenticidade. Museu de Arte Étnica, São Paulo, SP. Disponível em: <https://artemuseu.org/o-certificado-de-autenticidade>.Acesso em: 09 de dezembro de 2022

COMPARATIF Des Solutions. Art Certificate. Paris, França. Disponível em: <https://www.artcertificate.eu/compare_certificate/>.Acesso em: 09 de dezembro de 2022

DEL PICCHIA FILHO, José, DEL PICCHIA, Celso Mauro Ribeiro, DEL PICCHIA, Ana Maura Gonçalvez. **Tratado de documentoscopia: da falsidade documental**. Editora Pillares, 3a Edição, São Paulo/SP, 2016.

EASTAUGH, N., WALSH, V., CHAPLIN, T., SIDDALL, R. **Pigment Compendium: A Dictionary and Optical Microscopy of Historic Pigments**. Butterworth-Heinemann, Londres, Reino Unido, 2008.

FEUERHARMEL, Samuel. **Análise grafoscópica de assinaturas**. Campinas, SP: Millenium Editora, 2017.

GUMÍ, Jordi; MONLLAÓ, Ramon L. i. **La Pinacologia: Investigació de les pinzellades personals dels artistes pictórics**. El Farell Edicions. Barcelona, Espanha, 2007.

GUMI, Jordi. **Estudio Pinacológico Y Grafológico De Las Obras Del Artista Ecuatoriano Miguel De Santiago En El Convento San Agustín**. El Farell Edicions. Barcelona, Espanha, 2008.

LEI Nº 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Brasil, Brasília,DF, Palácio do Planalto. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm>. Acesso em: 09 de dezembro de 2022

LOUZADA, Júlio, Alice, Maria. **Artes Plásticas Brasil - Vol. 13**. Júlio Louzada Publicações. São Paulo, SP, 2002.

JONGH, Ingeborg. de et al. **Technical Art History: A handbook of scientific techniques for the examination of works of art**. Haia: Authentication in Art Foundation, 2018.

MACHADO, Cassiano Elek. **Cuidado, Tinta Fresca**. Revista Piauí. 17 de fevereiro de 2008. Disponível em: http://piaui.folha.uol.com.br/materia/cuidado-tinta-fresca. Acesso em: 09 de dezembro de 2022.

MADE YOU LOOK: A True Story About Fake Art. Documentário dirigido por Barry Avrich. Netflix. 2020 (94 min).

MORI, E.K.; Del Lama, E.A.; Rizzutto, M.A.; Kajiya, E.A.M.;Campos, P.H.O.V. **An Analysis of Alfredo Volpi's Paintings by X-ray Fluorescence, Spectrophotometry and Technical Photography**. e-Conservation Journal, v. 5, p. 94, 2017.

NOBOLI, Riccardo. **The Gentle art of Faking: a History of the Methods of Producing Imitations e Spurious Works of Art From the Earliest Times Up to the Present Day**. Seeley Servie e Co. Ldt. Londres, Reino Unido, 1922.

PERINO, Gustavo. **A obra de arte frente ao perito: a falsificação na história da arte**. Revista Restauro, São Paulo, SP. Disponível em: <https://revistarestauro.com.br/a-obra-de-arte-frente-ao-perito-a-falsificacao-na-historia-da-arte/>. Acesso em: 09 de dezembro de 2022.

_____. **A identificação correta das obras de arte desde o ateliê**. Revista Artrilha, São José Do Rio Preto, SP, 2021; Disponível em: <https://artrilha.com.br/wp-content/uploads/2022/02/revista-artrilha-4_digital.pdf>. Acesso em: 09 de dezembro de 2022.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ, Editora Civilização Brasileira, 1969

PROCEDIMENTOS Para Registro. Faculdade de Belas Artes - EBA - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <https://eba.ufrj.br/procedimentos/>. Acesso em: 09 de dezembro de 2022.

RAGAI, Jehane. **The Scientist and the Forger - Insights into the Scientific Detection of Forgery in Paintings**. Imperial College Press, Londres, Reino Unido, 2015.

SCHÁVELZON, Daniel. **Arte y Falsificación en América Latina**. Editora Tezontle, Buenos Aires, Argentina, 2009.

SERAPHIM, Miriam Nogueira. **A catalogação das pinturas a óleo de Eliseu d'Angelo Visconti: o estado da questão**. Campinas, SP: [s.n.], 2010. 2 v.

SILVA, Claudia Felipe da. **Irmandade de S. Benedito: a edificação do templo e sua pintura interna realizada por Cid Serra Negra**. Revista Laboratório, São Paulo, SP. Disponível em: <https://offlattes.com/archives/8447>.Acesso em: 30 de dezembro de 2022

TABELA de honorários sugerida - 2023. i3A, São Paulo, SP. Disponível em: <http://i3a.org.br/tabela-de-honor%C3%A1rios-sugerida-2023.php>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

VIEIRA FILHO, Henrique. **A Arte De Falsificar Arte**. Revista Artivismo, V3, N3 / 2023. São Paulo, SP. Disponível em: <https://artivismo.com.br/2023/01/12/a-arte-de-falsificar-arte/>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2023.

VIEIRA FILHO, Henrique. **Certificado de Autenticidade e Laudo Pericial**. Revista Artivismo, V3, N3 / 2023. São Paulo, SP.
Disponível em: <https://artivismo.com.br/2023/02/01/certificado-de-autenticidade-e-laudo-pericial>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2023.

Catálogo Raisonné

Esta Edição da **Revista Artivismo** dá continuidade à seção **Catálogo Raisonné**.

Um **Catálogo Raisonné** (ou Catálogo Racional) é, em poucas palavras, um inventário completo e detalhado das obras conhecidas de um artista. É como um "RG" de cada pintura, escultura, desenho ou qualquer outra criação artística, fornecendo informações sobre cada obra.

É um documento fundamental para a preservação, estudo e valorização da obra de um artista. Ele garante a autenticidade das obras, facilita a pesquisa e contribui para a construção de um legado duradouro.

Por que ele é importante?

Autenticidade: Com a crescente valorização do mercado de arte, a questão da autenticidade de uma obra se torna crucial. O Catálogo Raisonné serve como um documento oficial, ajudando a identificar obras genuínas e a combater as falsificações.

Preservação do legado: Ao reunir todas as informações sobre a produção artística de um indivíduo, o catálogo garante que sua obra seja preservada e estudada por futuras gerações.

Pesquisa e estudo: Para pesquisadores, historiadores de arte e críticos, o catálogo é uma ferramenta indispensável para aprofundar o conhecimento sobre a vida e a obra de um artista.

Valorização do mercado: Um catálogo bem elaborado contribui para aumentar o valor de mercado das obras de um artista, pois oferece um atestado de autenticidade e relevância histórica.

No artigo “**A Arte De Falsificar Arte**” tive a oportunidade de expor que as obras de **Cid Serra Negra**, quantitativamente, sofrem mais falsificações do que as de Portinari!

Como perito em autenticidade de arte, sou rotineiramente consultado para avaliar obras herdadas em espólios e tantas mais disponibilizadas em leilões e galerias. Em mais da metade das ocasiões, desaconselho a que realizem o laudo pericial, tamanhas as evidências que já demonstram não serem autênticas.

Em abril de 2025, das cinco obras supostamente de autoria de Cid Serra Negra, apenas duas pude confirmar como verdadeiras. Uma delas foi particularmente satisfatória de confirmar, por sua história: o colecionador a adquiriu nos Estados Unidos, pois apaixonou-se pela pintura e nem sequer conhecia o trabalho do Cid, pois só depois da compra é que pesquisou e me localizou aqui no Brasil. Como foi levada ao exterior? Ainda que um mistério, nem é tão surpreendente, visto que sabemos que este pintor conquistou o mundo!

Trata-se de uma cena do cotidiano de muitas crianças brasileiras do interior de São Paulo, brincando de cavalgar. Uma temática pouco vista nos trabalhos de Cid, sendo, contudo, autenticável tanto pela assinatura, quanto pelo estilo das pinceladas.

Sem título - Anos 70 Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex. Medidas: 62 x 75 cm	São Francisco - Anos 80 Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex. Medidas: 60 x 72 cm
À esquerda, a mais recente obra de Cid Serra Negra que autentiquei (abril de 2025) e, à direita, a primeira que periciei, confirmando sua autenticidade (janeiro de 2023).	

Sociedade Das Artes

1788852

Certificado De Autencidade
Conclusão Pericial

Sem título
São Francisco de Assis, com cinco pombas e fundo esverdeado.
Artista: Cid Serra Negra
Óleo sobre Eucatex
60 x 72 cm
ACIE (assinado no canto inferior esquerdo)

A arte e este Certificado contém numeração única e exclusiva: 1788852, podendo ser acessada e conferida pelo QR Code.

Por meio de Pericia Grafotécnica da obra «sem título», declaro autêntica a assinatura em questão, pelo artista plástico Cid Serra Negra.

Por meio da análise pinacológica e estudos sobre as técnicas e materiais utilizados, concluo pela veracidade da autoria da referida obra pelo artista plástico Cid Serra Negra.

Serra Negra, 09 de janeiro de 2023.

Assinado de forma digital por HENRIQUE VIEIRA FILHO:06300409825
Dados: 2023.01.09 15:31:14 -03'00'

Henrique Vieira Filho
Perito

Em consonância com os padrões internacionais, a via digital deste Certificado está registrada por tecnologia Blockchain (cartório virtual) e DOI (Digital Object Identifier).

Raisonné - Cid Serra Negra

Cid Serra Negra pintando uma de suas clássicas obras de São Francisco

As duas obras referenciadas no capítulo anterior inauguram o **Catálogo Raisonné de Cid Serra Negra** que tem a sequência seguinte extraída de dados públicos de galerias de arte e casas de leilões, sendo a sua autenticidade referendada pelos curadores e leiloeiros e não por laudo pericial.

Outra sequência, de suma importância e que jamais será comercializada em seus originais (quem sabe, futuramente, em gravuras lícitas), são suas obras sacras, eternizadas na **Igreja de São Francisco** e na **Igreja de São Benedito** (inclusive, seus famosos Saci e Curumim como Anjos Querubins).

Como **Cid Serra Negra** não expedia **Certificados de Autenticidade** para suas artes e tendo sido bastante prolífico em suas atividades (estimam-se em várias centenas de obras suas pelo mundo), certamente que a listagem a seguir terá que ser continuamente atualizada e ampliada, cabendo a tarefa para sua versão via internet, em nossa revista (https://artivismo.com.br) .

“São Francisco no Jardim de Monet”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 100 x 84 cm (quadro/moldura | 77 x 62 cm (obra)

"Escada de Jacó", 1980.
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 77 x 63 cm

“Ceia de Emaús”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 75 x 60,5 cm

Da série de obras que retratam passagens da vida do Rei Salomão.
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex
Medidas: 60,5 x 75 cm

“Salomão e a Princesa de Sabá”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 63 x 77 cm

“Vaso de Flores”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 60 x 77 cm

“Janelas”
Técnica: O.S.M. – óleo sobre madeira
Medidas: 60 x 75 cm

“Vaso de Flores”
Técnica: O.S.M. – óleo sobre madeira
Medidas: 60 x 80 cm

"São Francisco"
Técnica: O.S.M. – óleo sobre madeira
Medidas: 43 x 71 cm

"A Anunciação"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 60 x 90 cm

"Figura Folclórica"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 32 x 33 cm

"Flores"
Técnica: O.S.M. – óleo sobre madeira.
Medidas: 59 x 46 cm

"São Francisco de Assis"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 64 x 76 cm

"São Francisco"
Técnica: O.S.T. – óleo sobre tela.
Medidas: 58 x 763 cm

"Cristo e Madalena"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 46 x 49 cm

"Santa Bárbara"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 66 x 82 cm

“Madona E O Menino”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 97 x 127 cm

“Maternidade”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 52,5 x 82 cm

“Pomba”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 73 x 62 cm

“Vaso Com Flores”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 63 x 77 cm

"Cristo"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 33 x 76 cm

"Elias Subindo Ao Céu"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 60 x 80 cm

"Irmão Sol - São Francisco de Assis"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 60 x 73 cm

"Vaso Com Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 55 x 63 cm

"São Francisco"
Técnica: A.S.T. – acrílico sobre tela
Medidas: 60 x 74 cm

"Vaso de Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 69 x 84 cm

"Anjo"
Técnica: O.S.M. – óleo sobre madeira.
Medidas: 45 x 77 cm

"Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 54 x 68 cm

"Vaso Com Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 60 x 71 cm

"Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 24 x 38 cm

"Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 60 x 80 cm

"Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 60 x 77 cm

"Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 61 x 78 cm

"Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 50 x 70 cm

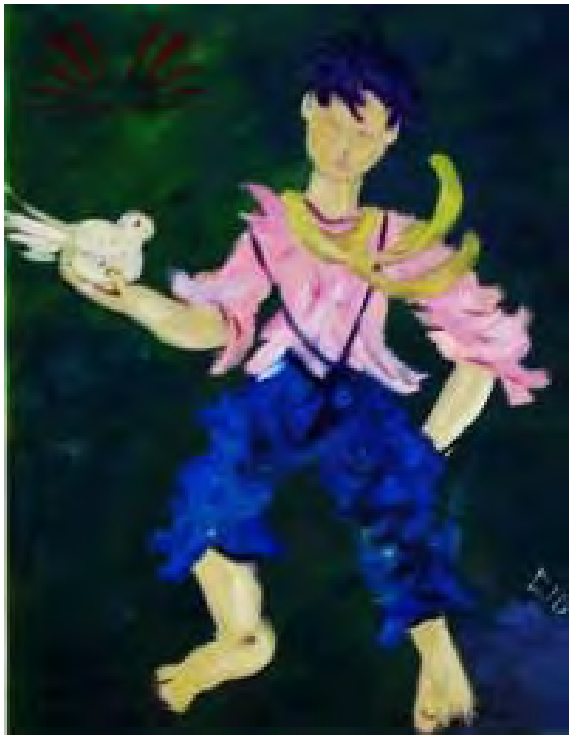
"Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 48 x 70 cm

"Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 56 x 70 cm

“Cristo”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 54 x 58 cm

Sem Título
Técnica: O.S.T. – óleo sobre tela.
Medidas: 58 x 76 cm

“Paisagem Com Figura”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 60 x t4 cm

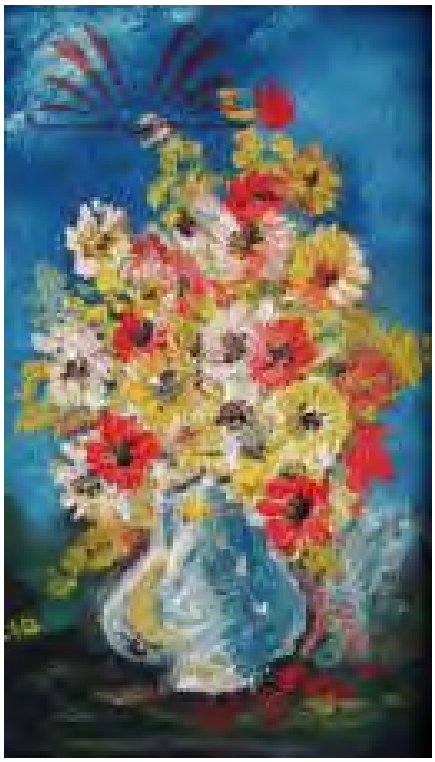


“Menino E Pássaro”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 61 x 78 cm

“Vaso De Flores”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 44 x 58 cm

”Vaso de Flores”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 62 x 77 cm

“Flores”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 26 x 39 cm



“Flores”
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 30 x 47 cm

"Pastor"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex
Medidas: 31 x 397 cm

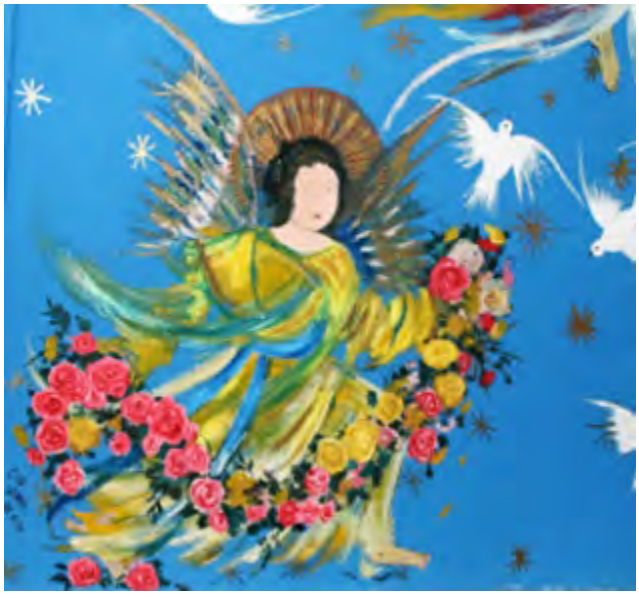
"Divino Espírito Santo"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 29 x 49 cm

"Flores"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 60 x 77 cm

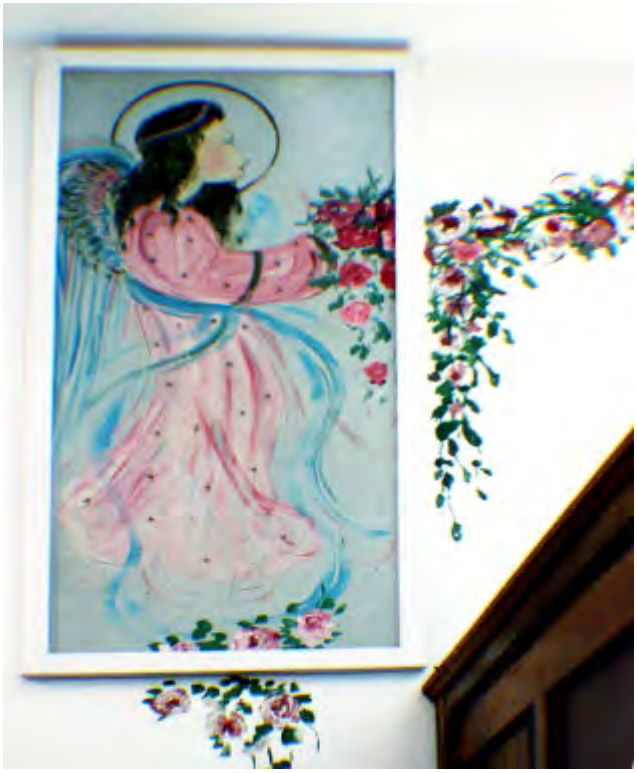
"Noite Feliz"
Técnica: O.S.E. – óleo sobre eucatex.
Medidas: 80 x 118 cm

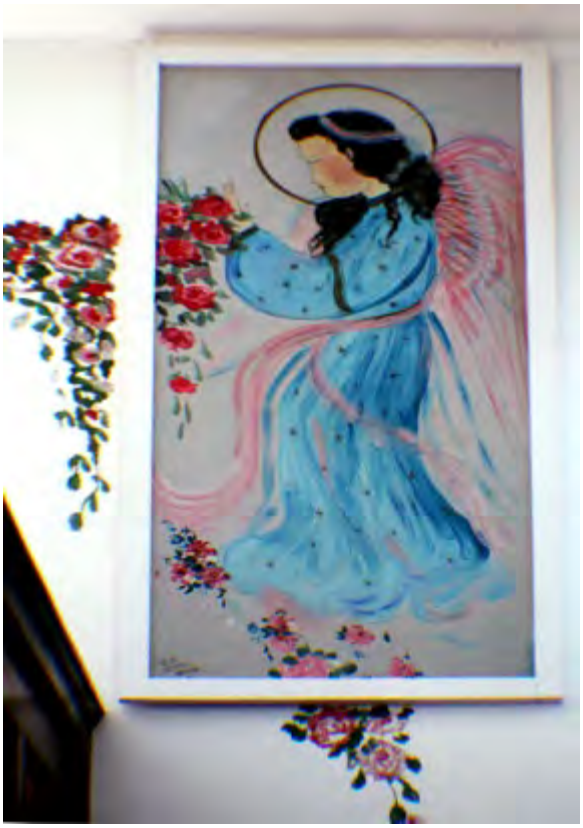
Igreja de São Benedito (Serra Negra / SP) - Obras de Cid Serra Negra

MEU
DEUS
AJUDAI
NOSSA
FÉ



Igreja de São Francisco (Serra Negra / SP) - Obras de Cid Serra Negra





VII

VIII

IX

X

XI

XII